



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA
CURSO DE LICENCIATURA DE PEDAGOGIA**

DANNÚBYA FERNANDA GUEDES LIMA

**LITERATURA INFANTIL: ANALISANDO A PRÁTICA PEDAGÓGICA DE
PROFESSORES DA REDE ESTADUAL DE ENSINO NA CIDADE DE CAMPINA
GRANDE - PB**

**CAMPINA GRANDE
2017**

DANNÚBYA FERNANDA GUEDES LIMA

**LITERATURA INFANTIL: ANALISANDO A PRÁTICA PEDAGÓGICA DE
PROFESSORES DA REDE ESTADUAL DE ENSINO NA CIDADE DE CAMPINA
GRANDE - PB**

Trabalho de Conclusão de Curso em
Pedagogia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro

**CAMPINA GRANDE
2017**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L732I Lima, Dannúbya Fernanda Guedes
Literatura infantil [manuscrito] : analisando a prática
Pedagógica de professores da rede estadual de ensino na cidade de
Campina Grande – PB / Dannúbya Fernanda Guedes Lima. – 2017.
33 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) –
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.
“Orientação: Profa. Dra. Maria do Socorro Moura
Montenegro, Departamento de Pedagogia”.

1. Ensino fundamental 2. Literatura infantil 3. Prática de
Ensino 4. Leitura I. Título.

21. ed. CDD 372.4

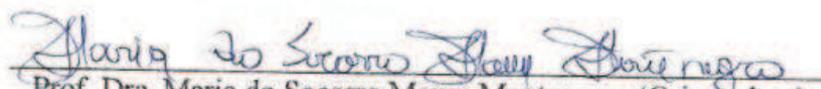
DANNÚBYA FERNANDA GUEDES LIMA

**LITERATURA INFANTIL: ANALISANDO A PRÁTICA PEDAGÓGICA DE
PROFESSORES DA REDE ESTADUAL DE ENSINO NA CIDADE DE CAMPINA
GRANDE - PB**

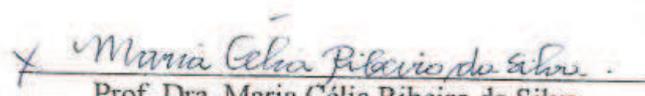
Trabalho de Conclusão de Curso em
Pedagogia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em: 08 / 08 / 2017.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dra. Maria Célia de Assis
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dra. Maria Célia Ribeiro da Silva
Instituto Federal da Paraíba (IFPB)

Dedico

*À minha família, por todo amor,
dedicação, carinho e paciência que tem comigo.*

AGRADECIMENTOS

Ao Senhor Deus, agradeço por esta vitória, por me amparar nos momentos mais complicados dessa árdua caminhada e por me conceder força e paciência para superar todas as barreiras e dificuldades que foram aparecendo ao longo desta jornada.

À minha mãe, Cleonisia Guedes Lima e ao meu pai Francisco de Assis de Sousa Lima por sempre acreditar em mim, não me deixando desanimar em nenhum momento, por me dá sempre conselhos, amor e carinho e por estar ao meu lado na conquista deste objetivo. A vocês, agradeço por ter conseguido esta conquista.

Ao meu irmão Dheyvson Hallen Guedes Lima, pelo apoio e pela paciência durante toda esta caminhada. Amo você.

Ao meu esposo, Aijalon Queluy, por sempre acreditar na minha capacidade e me dá força nos momentos mais difíceis. Pelo amor, carinho e compreensão. Te amo sempre.

Às minhas amigas de Curso Laurey Marrone, Michelly Arruda e Orcássia O'hara, por todo o auxílio, companheirismo, amor e união durante toda a nossa caminhada. Obrigada pelos momentos de alegria e felicidade, vocês foram verdadeiras amigas e que quero sempre ao meu lado.

À minha orientadora, Maria do Socorro Moura Montenegro, pela atenção, dedicação e paciência durante esta fase. Esta conquista não teria sido possível sem o seu auxílio e dedicação.

Enfim, sonho realizado!

*É fundamental diminuir a distância entre o
que se diz e o que se faz, de tal maneira que num
dado momento a tua fala seja a tua prática.*

Paulo Freire

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	07
2 ASPECTO HISTÓRICO E CULTURAL DA LITERATURA INFANTIL.....	08
2.1 Breve Reflexão sobre a Concepção de Infância.....	08
2.2 Situando Aspectos Históricos e Culturais da Literatura Infantil Brasileira.....	12
3 CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTIL PARA A ALFABETIZAÇÃO...15	
4 METODOLÓGIA DA PESQUISA	19
5 ANÁLISE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DA LITERATURA INFANTIL DE PROFESSORES DA REDE ESTADUAL DE ENSINO	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	27
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS	29
APÊNDICE B - RESPOSTAS	30

LITERATURA INFANTIL: ANALISANDO A METODOLOGIA DE PROFESSORES DA REDE ESTADUAL DE ENSINO NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE - PB

Dannúbya Fernanda Guedes Lima*

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo geral analisar, no contexto escolar, se a literatura infantil é utilizada para alfabetizar. Com esse propósito, preparamos um roteiro de entrevista com duas professoras da rede estadual de ensino da cidade de Campina Grande – PB, contendo seis perguntas, de modo que as perguntas contemplaram questões relacionadas à sua apropriação de alguns conceitos considerados relevantes à sua prática pedagógica de sala de aula, voltada para a Literatura Infantil. Trabalhamos com a pesquisa qualitativa, voltado para a técnica de estudo de caso. Para isso, nos ancoramos em autores, que desenvolvem trabalhos na área da história da leitura e também da literatura infantil. Esse trabalho baseia-se nos estudos de Márcia Abreu (2006); Ana A. Arguelho Souza (2010); Lígia Cademartori (2012) entre outros.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Professor. Alunos

1 INTRODUÇÃO

As constantes pesquisas que são desenvolvidas na área da Literatura Infantil, no que tange à formação leitora dos anos iniciais do ensino fundamental, ainda não dão conta das inúmeras dificuldades sentidas pelos professores em sala de aula, significando dizer que, não só se trata da apropriação teórica relativa à Literatura Infantil, mas da apropriação da própria concepção de literatura, quando percebemos que está longe de o professor desenvolver um trabalho no qual contribua para a formação leitora das crianças.

Diante deste contexto, traçamos como objetivo geral analisar, no contexto escolar, se a Literatura Infantil é utilizada para alfabetizar. Buscando compreender como o professor utiliza a Literatura Infantil e se esta é utilizada como pretexto para alfabetizar.

Com fins de atender aos objetivos propostos, organizamos o trabalho em quatro partes:

* Aluna de Graduação em Pedagogia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
E-mail: dannubya_fernanda@hotmail.com

A primeira, denominada Aspecto Histórico e Cultural da Literatura Infantil, apresentamos uma breve reflexão sobre concepção de infância, além de situar os aspectos históricos e culturais da literatura infantil brasileira.

A segunda, desenvolvemos as contribuições da literatura para a alfabetização.

A terceira, incluímos a Metodologia da Pesquisa, na qual caracterizamos o método para obtenção dos dados e o procedimento de análise dos mesmos.

Na quarta e última parte, chamada Considerações Finais, formulamos ideias sintetizadas da análise desenvolvida durante o nosso trabalho, sobre a relevância das temáticas em questão no campo educacional.

2 ASPECTO HISTÓRICO E CULTURAL DA LITERATURA INFANTIL

2.1 Breve reflexão sobre a Concepção de Infância

A criança sempre existiu, porém, o reconhecimento da infância nem sempre foi o mesmo. Dessa forma, existiram várias concepções de infância, que foram construídas e modificadas de acordo com a época e com a sociedade. Conforme os pensamentos de Souza (2010) até a idade moderna a criança era considerada “adulta em miniatura”, ou seja, se adaptava aos costumes e culturas da sociedade, com a finalidade de desenvolver funções sociais, além de não receber nenhum cuidado diferenciado.

De acordo com Phillipe Ariès (1981), até o século XII não existia lugar para a infância. A criança bastava adquirir um desenvolvimento físico para ser incluída no mundo adulto e, dessa forma, já compartilhava de seus jogos e trabalhos. Ela transformava-se imediatamente em um “homem jovem”, sem passar pelas etapas de seu desenvolvimento. A aprendizagem da criança era resultado de sua convivência com os adultos fora do meio familiar, sendo assim, a transmissão dos valores e do conhecimento eram sempre realizados entre amigos, vizinhos, crianças, mulheres, homens, amos e criados, já que a passagem da criança pela família era de certa forma, insignificante.

Por volta do século XIII, ainda segundo Ariès (1981) começaram a surgir algumas representações de crianças. A primeira foi o anjo, representado pela aparência de um jovem adolescente, que era aproximadamente a idade das crianças que eram educadas para ajudar à missa. O segundo conceito de criança pequena foi retratado pela imagem do menino Jesus e de Nossa Senhora menina, no entanto, esse sentimento de infância permaneceu limitado ao menino Jesus até o século XIV. O terceiro e último, tipo de representação da criança,

apareceu na fase gótica, que era interpretado pela imagem da criança nua, pois era assim que se imaginava a entrada da alma no mundo, em uma percepção sagrada e perfeitamente natural.

A criança começou a se tornar um dos personagens mais frequentes em pinturas. Os pintores gostavam de, especialmente, representar a criança por sua graça e se agradavam em destacar a presença da criança dentro da imagem.

Durante o século XV surgiram mais duas novas formas de representar a criança: o retrato e o putto, porém o retrato não se referia à imagem de uma criança real, ou seja, não mostrava a criança como realmente ela era em um determinado momento de sua vida, até mesmo porque o pensamento do adulto, até essa época, não estava baseado em conservar o retrato de uma criança, pois ela ainda era “tratada como insignificante tanto que em alguns lugares quando a criança morria, antes de ser batizada ela era enterrada no jardim” (ÀRIES, 1981, p. 45). O que era um sentimento, de certo modo, natural, pois a taxa de mortalidade infantil da época, era bastante alta, como também o índice de natalidade, se uma criança morria, logo outra iria substituí-la. Já no século seguinte, nasceu o desejo de guardar as características de uma criança: ou que continuasse a viver ou com o interesse de conservar uma lembrança, ou seja, de uma criança que já morreu e esse tipo de retrato, da criança morta, marcou o sentimento que, até o século XIII não existia.

[...] embora as condições demográficas não tenham mudado muito do século XIII ao XVII, embora a mortalidade infantil se tenha mantido num nível muito elevado, uma nova sensibilidade atribuiu a esses frágeis e ameaçados uma particularidade que antes ninguém se importava em reconhecer: foi como se a consciência comum só então descobrisse que a alma da criança também era imortal. É certo que essa importância dada à personalidade da criança se ligava a uma cristianização mais profunda dos costumes (ARIES, 1981, p. 48).

A novidade do século XVII foi que a criança, que pertencia a uma família nobre ou burguesa, deixou de ser vestida como os adultos passando a ser representada sozinha e em uma forma que realmente a representasse, e desse modo cada família queria possuir o retrato de seus filhos, mesmo na idade em que eles eram crianças e esse costume nunca mais desapareceu. As reformas religiosas que aconteciam na época também contribuíram para que a criança recebesse um novo olhar, além da afetividade que começava a ganhar cada vez mais lugar. Todas essas mudanças foram contribuindo para a construção de um sentimento de infância.

Com isso, a educação passou a ser mais valorizada. O que antes se aprendia, a partir da convivência com os outros, começou a ser aprendido na escola e a criança permanecia lá

até que estivesse preparada para viver em sociedade. Com o passar dos séculos, o interesse pela criança continuou a crescer, e conseqüentemente, o cuidado com ela também. No século XVIII as famílias fizeram questão de vacinar as crianças e com isso as práticas de higiene também aumentaram o que promoveu a redução da mortalidade.

Porém, esses benefícios privilegiaram principalmente as crianças que as famílias tinham condições. As crianças pobres não tiveram acesso a esses novos privilégios, como a valorização da infância; o direito a educação e cuidados com a saúde e com a higiene, então, continuavam destinados ao trabalho.

A criança estava saindo, lentamente, do anonimato e ocupando um espaço maior na sociedade. Com isso, a educação também foi se modificando e buscando entender a mentalidade da criança com métodos adaptados a elas, para dessa forma, proporcionar uma aprendizagem mais acessível.

No Brasil, a história da educação infantil acompanha as referências mundiais, porém com suas próprias características, onde até o início do século XIX não existia instituições para o atendimento de crianças pequenas.

Essa situação vai se modificar um pouco a partir da segunda metade do século XIX, período da abolição da escravatura no país, quando se acentua a migração para a zona urbana das grandes cidades e surgem condições para certo desenvolvimento cultural e tecnológico e para a proclamação da República como forma de governo. (OLIVEIRA, 2011, p. 91)

Então, foram criados creches, asilos e internatos reservados para cuidar de crianças pobres, sempre baseados no assistencialismo e em uma educação compensatória aos desafortunados socialmente. No entanto, não resolviam os problemas da realidade social estavam ali, apenas para omitir a realidade.

Pouco tempo depois da proclamação da República, foi fundado em 1899 o Instituto de Proteção e Assistência à Infância e criado em 1919 o Departamento da Criança resultado da preocupação do governo com a saúde pública.

Com o aumento gradativo da industrialização e urbanização no Brasil, no século XX, os operários começaram a lutar por seus direitos e reivindicar por melhores condições de trabalho, incluindo a criação de locais para que as mães pudessem deixar seus filhos enquanto trabalhavam.

[...] para atrair e reter a força de trabalho, fundaram vilas operárias, clubes esportivos e também algumas creches e escolas maternas para os filhos de operários em cidades como o Rio de Janeiro, São Paulo e várias outras no interior de Minas

Gerais e no norte do país, iniciativas que foram sendo timidamente seguidas por outros empresários (OLIVEIRA, 2011, p. 96).

Em 1922, com o Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância, no Rio de Janeiro surgiram as primeiras regras do atendimento de crianças nas escolas. Em 1932, surgiu o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova que defendia um ensino laico, gratuito e obrigatório. Porém, as creches, segundo Oliveira (2011), continuavam sendo vistas como um “mal necessário”, onde era organizada como uma instituição de saúde, que procurava controlar a vida dos que faziam parte das camadas populares.

Dessa forma, entre os anos 70 e 80, as famílias menos favorecidas, socialmente e financeiramente, começaram a reivindicar por uma educação melhor e por causa da grande pressão, a educação em creches e pré-escolas foi reconhecida como um direito do trabalhador e dever do Estado. Contudo, essa nova concepção ganhou força e ficou garantido em lei os direitos da criança como cidadão, conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069, em 1990, que cita no Artigo 3º:

A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade. (BRASIL, 1990.)

O direito citado no ECA não discrimina a condição que diferencia as pessoas, a família ou a comunidade, tornando todos iguais perante a lei. Também foi criada a nova LDB, Lei nº 9394/96 que estabeleceu a educação infantil como a primeira etapa da educação básica. Mas foi apenas no ano de 1988, que a educação foi realmente reconhecida como um direito da criança.

Atualmente, a questão do ser criança modificou. As etapas pela qual ela precisa passar, para o seu desenvolvimento, físico, cognitivo e psicológico são respeitadas; agora, são sujeitos que têm direitos e deveres. Enfim, a criança passou a ser vista como um indivíduo que apresenta características diferentes dos adultos e que precisam ser respeitados.

2.2 Situando o Aspecto Histórico e Cultural da Literatura Infantil Brasileira

No ambiente escolar, ao longo dos séculos XVI a XVIII, a literatura para crianças sempre foi trabalhada com fins de caráter pedagógico, já que era utilizada para crianças nobres, pois segundo Souza,

[...] considerar determinada literatura infantil ou infanto-juvenil criar uma nomenclatura específica para nomear livros que caem na predileção de crianças e adolescentes não implica, necessariamente, valorização da infância pela sociedade burguesa nem sua desvalorização nas civilizações anteriores (SOUZA, 2010, p. 35).

Em assim sendo, a partir do século XVII as histórias receberam algumas mudanças e incorporaram conceitos e valores que, contribuíram para influenciar a literatura infantil, tanto é que, dessa forma, a literatura, até hoje, recebe novas concepções de acordo com a época que se vive. Fazendo com que o passar do tempo vá se transformando e possibilitando que o conceito de infância ganhe novas ideias, favorecendo assim a adaptação das obras para as crianças. Como afirma Cosson,

[...] ao usar as palavras, eu as faço minhas do mesmo modo que você, usando as palavras, as faz sua. É por esse uso, simultaneamente individual e coletivo, que as palavras se modificam, se dividem e se multiplicam vestindo de sentido o fazer humano. [...] A literatura tem o poder de se metamorfosear em todas as formas discursivas. Ela também tem muitos artifícios e guarda em si o presente, o passado e o futuro da palavra (COSSON, 2009, p. 16).

Sabendo que a literatura era marcada pelos acontecimentos sociais e econômicos da época, de acordo com Lajolo (2007) foi na primeira metade do século XVIII que as primeiras obras publicadas destinadas à infância apareceram no mercado livreiro e foi na Inglaterra o desenvolvimento e expansão dessas obras. A industrialização, que marcou este século, estendeu-se em atividades envolvendo os setores econômicos, político e ideológico da época.

No século XIX com o avanço do capitalismo e com a ideia de ampliar o mercado editorial a produção literária destinada às crianças se desenvolveu e a transformação do livro em mercadoria começou a ganhar sentido o que fez com que aumentasse a sua produtividade. O que mostra que a criança agora realmente ocupava um espaço na sociedade. E para que estes se tornassem mais atrativos foram acrescentados alguns recursos, como por exemplo, a ilustração, o que estimulou o mercado em nível mundial. Porém, esses livros eram reservados

apenas para as crianças cujas famílias contavam com poder aquisitivo elevado, já que esses recursos deixavam as obras mais caras. Só depois, ainda com a ideia de ampliar o mercado, é que a escola para massas surgiu e ganhou força tornando o crescimento da escola burguesa mais significativa, porém não estava preocupada com a “verdadeira” literatura, ela tinha a finalidade de formar a criança e de ensinar os comportamentos desejáveis, fazendo com que a literatura infantil apresentasse um caráter pedagógico.

[...] o adjetivo infantil, na literatura, tem sido utilizado para qualificar escrita que se pretenda voltada para crianças, tenha ela ou não qualidade necessária para merecer o estatuto de literatura, o qual envolve valor estético, histórico e pedagógico (SOUZA, 2010, p. 11).

As transformações na economia e na indústria fizeram com que a literatura se tornasse um produto da globalização de mercados, ou seja, determinado livro faz sucesso em um país e logo em seguida passa a ser um sucesso mundial. No Brasil, a partir de 1889, a edição de livros infantis, serviu para satisfazer os requisitos do país que estava em processo de urbanização e modernização.

Percebemos, então, a falta de um material adequado para as crianças brasileiras, já que as obras que tinham no país eram tradução e adaptação de obras europeias, que não tinham um significado preciso e se distanciavam da realidade linguística. Dessa forma, o momento se torna favorável para o surgimento da literatura infantil nacional, nessa situação começam a ser desenvolvidas campanhas pela instrução, alfabetização e pela escola. Assim, a partir de 1980, livros literários para as crianças começavam a ser distribuídos nas escolas e nas bibliotecas do país, pelo Ministério da Educação. Essa iniciativa pioneira recebeu o nome de “Programa Salas de Leitura”, a qual era desenvolvida pela Fundação de Assistência ao Estudante, que hoje está extinta.

Foi também nos últimos anos do século XX que a noção da importância da Literatura Infantil na formação de pequenos leitores consolidou-se, integrado a pauta das políticas públicas de educação e cultura.

De acordo Souza (2010), mesmo que as obras literárias não tenham sido criadas com a intenção de ensinar, elas possuem uma dimensão pedagógica, ou seja, a narrativa independente do seu valor estético traz aprendizagens, seja no campo da afetividade, ética ou do conhecimento. Pois se aprende de tudo na literatura, sem precisar dizer que está aprendendo um conteúdo de forma isolada.

[...] se a literatura infantil for bem explorada “por dentro”, em suas múltiplas dimensões, que incluem a histórica, a criança, sem perceber, vai formando seu conjunto de valores e compreendendo o caráter temporal e transitório desses valores (SOUZA, 2010, p. 59).

Segundo Cademartori (2012) hoje a criança já é percebida como um ser em formação e os estágios para que ela possa se tornar um leitor precisa ser respeitado, pois é um processo que ocorre ao longo do tempo e de diversas maneiras o que vai contribuir para a formação de uma identidade pessoal, no qual o professor se torna um mediador.

No Brasil, a literatura infantil foi iniciada por Monteiro Lobato, pois foi o primeiro, que de fato, apresentou uma linguagem dirigida às crianças e de forma atraente e de acordo com Cademartori (2010, p. 49), durante o desenvolvimento desta literatura no país, duas culturas estavam em evolução: “uma europeia, elitista, livresca; e outra nativa, popular, agráfica”. Então, Monteiro Lobato resolve essa divisão adequando o que é cultura brasileira com a cultura estrangeira, que agora fazia parte do nosso país.

[...] Monteiro Lobato cria, entre nós, uma estética da literatura infantil, sua obra constituindo-se no grande padrão do texto literário destinado a criança. Estimula o leitor a ver a realidade nacional através de conceitos próprios. Apresenta uma interpretação da realidade nacional nos seus aspectos social, político, econômico, cultural, mas deixa sempre, espaço para a interlocução com o destinatário (CADEMARTORI, 2010, p. 54).

Durante os anos de 1920, a produção de literatura para crianças, aumentou cada vez mais, como também o interesse das editoras por esse tipo de livro, porém, foi as obras de Monteiro que tiveram maior evidência e permaneceram nesse lugar de destaque por mais de 20 anos. Por causa disso, a partir da década de 40 até 60, houve um congelamento, no que se refere à criatividade, pois o modelo de Lobato foi diversas vezes repetido, o que foi negativo na evolução da literatura infantil. Mas foi nos anos 70 que se iniciou o *boom* da literatura infantil brasileira, por diversos fatores, entre eles: a consolidação do setor editorial e o aumento de leitores na escola e, conseqüentemente, o aumento dos consumidores graças ao apoio do governo em programas de incentivo à leitura. Com isso, o número de obras e autores cresceram e a linguagem e as histórias ficavam cada vez mais próximas da realidade dos brasileiros, recuperando, assim, o folclore oral que era representado também por canções e brincadeiras de rodas.

3 CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTIL PARA A ALFABETIZAÇÃO

Antes de falar de literatura, deve-se questionar como a escola tem transformado seus alfabetizadores em leitores ou como ela contribui para a formação de um leitor. A ideia ainda se baseia, necessariamente, em letrar os indivíduos de acordo com as necessidades do trabalho. A escola, “no máximo, instrumentaliza o aluno de forma rudimentar para um suposto mercado, quando seria mais útil e oportuno desenvolver uma didática que o conduzisse à reflexão acerca da relação homem, trabalho e sociedade” (SOUZA, 2010, p. 79).

No entanto, existe um equívoco da escola com relação à metodologia da literatura, sobretudo, quando se trata de manipular a Literatura Infantil em sala de aula, considerando que esta é, por demais, utilizada como pretexto para ensinar conteúdos, como por exemplo: usar a literatura para questões interpretativas ou de gramática e copiar em vez de compreender. “A escola fica no meio do caminho quando habilita o aluno à leitura por meio da alfabetização e não o transforma em leitor, não desenvolvendo, nos anos seguintes, um programa sistemático de leitura” (SOUZA, P 84).

O segredo maior da literatura é justamente o envolvimento único que ela nos proporciona em um mundo feito de palavras. O conhecimento de como esse mundo é articulado, como ele age sobre nós, não eliminará seu poder, antes o fortalecerá porque estará apoiado no conhecimento que ilumina e não na escuridão da ignorância (COSSON, 2009, p. 29).

É por isso, que Dalvi (2013) cita que “a literatura não se ensina, se lê, se vive”, isto é, deve-se ler por prazer, ler por vontade própria. A criança que gosta de ler e ler com frequência, além de alargar os horizontes cognitivos, desenvolve a inteligência, tornam-se pessoas melhores e mais críticas. Geralmente, escreve melhor, conscientemente ou não, e detém um conhecimento mais amplo de tudo que o cerca, pois, a Literatura Infantil contribui para que se inicie o gosto pela leitura e colabora com o desenvolvimento infantil, ampliando a imaginação, resgatando o lúdico, favorecendo a aprendizagem, possibilitando que a criança tenha um contato com a escrita de forma mais agradável, o que conseqüentemente, facilitará quando, no seu processo de alfabetização.

Porém, a criança que durante a sua escolarização ficou preenchendo apenas fichas ou utilizando textos literários apenas com fins gramaticais ou de interpretação, terá bastante dificuldade em apreciar a literatura, pois é na literatura que “podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos” (COSSON, 2009, p. 17).

Mesmo sabendo que a literatura é um fenômeno histórico e cultural, a partir do momento em que ela recebe vários significados, o seu conceito foi naturalizado, ou seja, foi adaptado para ser tratado como algo natural, apresentado como algo universal, porém segundo Abreu (2006, p. 109) “Cada grupo social e, principalmente, cada grupo cultural tem um conceito sobre o que seja literatura, e tem critérios de avaliação próprios para examinar histórias, poesias, encenações, músicas etc”.

Estabelecer na escola, a literatura como disciplina permitiu o conceito de que literatura não é algo particular e sim um “bem comum” que deve ser lido por todos. O hábito de ler proporciona o desenvolvimento intelectual e ético, permitindo uma percepção mais precisa sobre a realidade, assim segundo Abreu (2006, p. 99).

[...] Ler um livro não é apenas decifrar letra após letra, palavra após palavra. Ler um livro é cotejá-lo com nossas convicções sobre tendências literárias, sobre paradigmas estéticos e sobre valores culturais. É sentir o peso da posição do autor no campo literário (sua filiação intelectual, sua condição social e étnica, suas relações políticas, etc). É contrastá-lo com nossas ideias sobre ética, política e moral.

A escola, geralmente, não considera as condições que indicam ou provocam a expressividade verbal, pensam apenas na evolução verbal. A ligação lúdica com a língua representa o início da criança no universo da escrita. “Portanto, a leitura de textos poéticos à criança em fase de alfabetização, não só aproxima ao livro como fonte de conhecimento e prazer, como exerce papel importante na formação da expressão verbal” (CADEMARTORI, 2010, p. 60).

É através da história que a dimensão simbólica da linguagem é experimentada, assim como sua união do imaginário com o real. “O papel da literatura nos primeiros anos é fundamental para que se estabeleça uma relação ativa, entre falante e língua, o que não ocorre sem envolvimento de afeto e emoções” (CADEMARTORI, 2010, p. 63).

O contato inicial com a literatura não exige o domínio do código escrito. A experiência pré-escolar, geralmente, põe na bagagem infantil narrativas orais. [...]. Portanto, composições poéticas e ficção infantil, quando integradas ao programa dos anos iniciais de escolaridade, dão continuidade a uma experiência linguística já iniciada, cuja importância reside em que a relação estabelecida, por meio dela entre falante e língua, privilegia o lúdico e o afetivo (CADEMARTORI, 2010, p. 72 - 73).

A leitura foi e ainda é um instrumento de poder. As pessoas que tinham acesso a ela, que era a minoria, tinham receio de que a sociedade excluída tivesse esse conhecimento, visto que deixariam de serem pessoas alienadas e se tornariam pessoas críticas. Hoje em dia, essa realidade mudou, existe uma grande variedade de livros, para todos os gostos e estão a nossa

disposição, permitindo que cada um tenha a liberdade de conhecer outros mundos, sem precisar ultrapassar os limites da sua casa ou da escola, pois “[...] no mundo da literatura, as coisas são sempre assim, funcionam como uma rede, vão se ligando e se interconectando, dando origens a outros” (MACHADO, 2012). Porém, hoje, o mundo capitalista com o incentivo e a ajuda da mídia tira do foco da importância da leitura, impedindo que o povo reflita e pense, estimulando apenas o desejo de consumir, com a intenção de, não só distrair a maioria da população, como deixá-la totalmente alienada, assim como acontece com determinadas emissoras de televisão no nosso país.

Ora, se a mídia, proposital ou não, retira as crianças do foco da leitura, não podemos perder de vista que é a escola o único espaço no qual ainda se pode e se deve desenvolver uma prática de leitura na qual esteja presente, tanto o estímulo pela leitura, como a criticidade, que se faz presente, sobretudo quando trata determinadas temáticas. Onde cabe ao professor oferecer ou proporcionar o encontro com a literatura de forma convidativa e atraente.

E é a partir disso, que se tem consciência do quanto se deve permitir e facilitar um primeiro encontro das crianças com a leitura permitindo que ela adquira e se aproprie do código escrito, com base em novas e crescentes conquistas, já que os conhecimentos que são adquiridos na fase da infância e da adolescência passam a fazer parte do crescimento cultural de cada um. Pois, o ideal é que “mais do que formar, informar ou conformar leitores, possamos contribuir para que os leitores de literatura de hoje e amanhã refutem e reinventem, provocativa, criativa e ousadamente, a leitura, a literatura e a escola que lhes afigura.” (DALVI, 2013, p. 69). A infância é uma fase lúdica e a leitura não deve ser motivada pela obrigação, até porque partimos do princípio de que motivar pela “obrigação” nunca será formada uma comunidade de leitores.

Afinal de contas, só se forma o leitor, caso ele seja motivado pelo puro prazer e divertimento. Mas para que isso ocorra é necessário um professor leitor comprometido com a formação leitora, que seja dedicado e busque se comprometer totalmente com o trabalho que faz e sinta prazer em trazer para os seus alunos, leitura dos clássicos e dos contemporâneos, fazendo com que eles se envolvam tendo um contato agradável com a leitura e possibilitando que as próximas leituras aconteçam de forma livre e autônoma.

[...] Em suma, se quisermos formarmos leitores capazes de experienciar toda a força humanizadora da literatura, não basta apenas ler. Até porque, ao contrário dos que acreditam os defensores da leitura simples, não existe tal coisa. Lemos da maneira como nos foi ensinado e a nossa capacidade de leitura depende, em grande parte, desse modo de ensinar, daquilo que nossa sociedade acredita ser objeto de leitura e assim por diante (COSSON, 2009, p. 29).

Quando o professor proporciona o primeiro contato da criança com a linguagem escrita, faz com ela adquira seu próprio jeito de ler e contar histórias, pois a leitura é muito mais do que decodificar letras e palavras.

[...] a relação com o livro antes de aprender a ler auxilia a criança a torná-lo significativo como um objeto que proporciona satisfação. Isto ocorre porque, ao tocar, manusear, olhar, alisar o livro e brincar com suas folhas e gravuras, a criança sente um prazer similar ao proporcionado por um brinquedo (ANDRÉ, 2004, p. 18).

É pertinente saber que a literatura infantil tem a capacidade de incentivar a curiosidade na criança e expandir o universo dela em termos de conhecimentos, experiências e emoções que contribuam para o seu desenvolvimento filosófico, ético e político. E, dessa forma, vai sendo despertado na criança o prazer pela leitura. O uso da leitura em sala de aula contribui para a preparação de um leitor crítico, favorecendo a criação e interação da criança com a realidade. Por isso, existe a necessidade de oferecer à criança uma diversidade de materiais de leitura.

[...] as leituras realizadas pelos alunos fora da sala de aula [...] apresentam um alto grau de dependência em relação às práticas de leitura escolares. As possibilidades de realização de leituras autônomas pelos alunos são influenciadas pelas possibilidades de acesso a livros e pelas táticas de escolarização da literatura desenvolvidas pelos professores, uma vez que inclusive a biblioteca escolar constitui-se como espaço que propicia e ao mesmo tempo controla leituras (DALVI, 2013, p. 73).

A seleção de livros de acordo com o nível de interesse apenas do professor impossibilita a liberdade para que as crianças escolham a sua própria leitura. O ideal é deixar que as crianças, independente da faixa etária, possam escolher as leituras que lhe provoquem curiosidade e interesse.

Contudo, é a partir do professor e da leitura realizada por ele, que os alunos se sentem incentivados a participar de forma ativa, com perguntas, questionamentos, críticas, comentários e interpretações singulares da história. Porém, Hoje em dia nas escolas, muitas vezes, o trabalho com a leitura é baseado em um texto fechado em si, sem aberturas de sentidos, acríticos, que serve, apenas, como mera reprodução de ideias, ou como um mero depósito de informações, onde o leitor busca o único sentido de cada palavra para conseguir compreender o texto, o que geralmente forma um leitor passivo, que não consegue refletir sobre o que está lendo. A criança precisa, desde cedo, aprender a pensar criticamente, analisar

as ideias do texto e só assim construir o seu conhecimento. Sabendo que Pennac (1995), trata dos direitos do leitor, nos quais estão o direito de ler, o direito de não ler, o direito de ler uma coisa e outra acolá, o direito de pular páginas, entre vários outros.

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

A metodologia utilizada nesse trabalho é de natureza qualitativa, que envolve uma pesquisa com dados empíricos, por intermédio de um estudo de caso no qual tratará de um estudo de caso de duas professoras da rede estadual de ensino da cidade de Campina Grande, com o objetivo de analisar, no contexto escolar, se a literatura infantil é utilizada para alfabetizar sabendo que:

[...] o objeto de estudo das ciências sociais é histórico. Isto significa que cada sociedade humana existe e se constrói num determinado espaço e se organiza de forma particular e diferente de outras. Por sua vez, todas as que vivenciam a mesma época histórica tem alguns traços comuns, dado o fato de que vivemos num mundo marcado pelo influxo das comunicações. Igualmente, as sociedades vivem o presente marcado por seu passado e é com tais determinações que constroem seu futuro, numa dialética constante entre o que está dado e o que será fruto de seu protagonismo (MINAYO, 2010, p. 12).

É com base em Minayo que buscamos nos ancorar nesse estudo para compreender a realidade vivenciada por dois professores da rede estadual de ensino. É importante salientar que o homem tem o privilégio de possuir a capacidade de pensar e sempre procurou, sempre que pôde compreender sua realidade. Dessa forma, o método científico surgiu desta necessidade, caracterizado principalmente pela racionalidade técnica do positivismo que priorizava informações estritamente quantitativas que, a nosso ver, não traz uma significativa contribuição na área da educação, daí focar os estudos para as pesquisas qualitativas.

Para isso, o objetivo geral dessa pesquisa é analisar, no contexto escolar, se a literatura infantil é utilizada para alfabetizar e, além disso, temos como objetivos específicos: observar de que forma o professor concebe a literatura infantil; identificar se o professor utiliza literatura infantil como pretexto para alfabetizar no contexto de uma escola estadual de ensino fundamental, com duas professoras: uma do 1º ano do ensino fundamental I (atuante na profissão há 27 anos) e outra do 2º também do ensino fundamental I (atuando há 17 anos).

Para a coleta de dados, utilizamos o questionário, haja vista ser “constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador” Marconi; Lakatos (2003, p. 201), ou ainda, porque, “permite que as pessoas o

respondam no momento em que julgarem mais convenientes; e não expõe os pesquisados a influencia das opiniões e do aspecto pessoal do entrevistado” (GIL, 2007, p. 129), elaborado com questões abertas, simples, a fim de possibilitar aos participantes, respostas espontâneas sem qualquer persuasão da nossa parte.

Após a coleta de dados por meio do questionário, realizamos a fase seguinte da pesquisa, a análise e interpretação. “Estes dois processos, apesar de conceitualmente distintos, aparecem sempre estreitamente relacionados” (GIL,2007, p.168). Por conseguinte, construímos tanto a análise, como a interpretação, procurando um equilíbrio, de modo que os resultados se apresentem reais e significativos, ao nosso objetivo de pesquisa.

5 ANÁLISE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DA LITERATURA INFANTIL DE PROFESSORES DA REDE ESTADUAL DE ENSINO

Iniciamos essa análise apresentando as perguntas e as respostas das professoras com pesquisadas, nomes fictícios, conforme especificamos. Considerando que é com base nessas perguntas abaixo que iremos analisar de forma sucinta as respostas das duas professoras da rede estadual de ensino, conforme citado anteriormente.

- 1. Função que exerce na escola?**
- 2. Há quanto tempo que a exerce?**
- 3. Relate momentos desafiadores e marcantes de sua trajetória docente.**

NOME: Rafaela¹

ANO: 2º A manhã

Sou professora do 2º ano do ensino fundamental I. Exerço essa profissão há 17 anos. Durante um bom tempo não havia tantos desafios como os dias atuais. Hoje posso dizer que restou o compromisso com o meu trabalho, a utopia do ensino/aprendizagem que existia em sala de aula, desanimou-me. Muitas crianças rebeldes e, nós, professores, somos tratados com desrespeito por pais, alunos e órgãos da educação.

NOME: Amanda²

ANO: 1º A manhã

¹ Nome Fictício

² Nome Fictício

“Sou professora há 27 anos. Trabalho nesta escola há 5 anos, como alfabetizadora” (VOZ DA PROFESSORA AMANDA)

Iniciamos a análise pelo fator tempo, já que as professoras entrevistadas têm uma larga experiência quanto à sua atuação no magistério dos anos iniciais do ensino fundamental. Desse modo, podemos perceber o nível de compromisso político que as professoras podem ou poderiam ter com relação ao ensino, ou a educação.

As suas vozes deixam transparecer o cansaço e um pouco de desânimo quando a resposta é sobre os momentos marcantes e desafiadores, tanto pelo tempo como também, pelas condições atuais que se encontra a educação brasileira e a valorização dos professores. A professora do 2º ano citou apenas a dificuldade de ensinar que existe hoje, enquanto, a professora do 1º ano citou apenas alfabetizar, quando poderia ter refletido sobre vários fatos que existiu. Bastava que houvesse esforço de sua parte para vasculhar no baú de sua memória, lembranças de sua trajetória docente.

É lamentável perceber pelas vozes das professoras Rafaela e Amanda o quanto elas, com o passar do tempo, demonstram desânimo com a profissão, devido à forma como, de certa forma, são tratadas pelos alunos. Muito embora não concorde, se considerarmos que nossa profissão tem os seus desafios e quando se trata da área de educação, sabemos o quanto não é valorizada, ao longo da história da educação.

Quando temos compromisso político com a educação não nos deixamos levar por discursos vazios de quem, de uma forma ou de outra, se arvora a tratar da educação sem ter, muitas vezes, conhecimento para tal. Isso acontece com muita frequência, tanto com pessoas ou profissionais que, mesmo sendo da área ou não, falta-lhes o devido conhecimento de forma mais aprofundada.

4. O que você entende por Literatura Infantil?

NOME: Rafaela

ANO: 2º A manhã

“É um instrumento incentivador para desenvolver o gosto pela leitura” (VOZ DA PROFESSORA RAFAELA).

NOME: Amanda

ANO: 1º A manhã

“São livros direcionados para crianças” (VOZ DA PROFESSORA AMANDA).

Percebemos que a professora Rafaela se utiliza de um conceito bastante recorrente no meio educacional para conceituar a literatura infantil. É como se expressasse seu conceito, como sendo um lugar comum, dado a repetição com que esse conceito é propagado na escola. Dando a entender que lhe falta o devido compromisso com a leitura na escola, apesar de, aparentemente, não transparecer, em razão de compreender que a literatura não pode ser compreendida como um instrumento vai muito mais além, já que “A literatura tem o poder de se metamorfosear em todas as formas discursivas. Ela também tem muitos artifícios e guarda em si o presente, o passado e o futuro da palavra (COSSON, 2009, p. 16).

A resposta da professora Amanda é óbvia, considerando que ela restringe o conceito de literatura quando afirma que a literatura infantil é para crianças. O termo infantil não se limita apenas às crianças, como também as crianças não se interessam apenas pela literatura infantil.

Com isso, entendemos que, apesar da resposta das duas professoras terem sido extremamente restritas, acabam se completando. Embora não deixemos de compreender que o conceito de literatura infantil abarca o desenvolvimento da criança, assim como contribui para proporcionar a imaginação da criança, facilitando, assim, a sua aprendizagem, além de expandir o seu universo de conhecimento já que com a literatura pode se aprender vários conteúdos sem usá-la como pretexto para ensinar. Pois de fato, se aprende de uma forma mais agradável, sem se tornar chata a aprendizagem, pelo lado lúdico, imaginativo e criativo.

5. Para você, é necessário introduzir a Literatura Infantil na sala de aula? Por quê?

NOME: Rafaela

ANO: 2º A manhã

“Como já relatei, é um instrumento fundamental para o incentivo da leitura, como também de acordo com o tema podemos inserir outros conteúdos” (VOZ DA PROFESSORA RAFAELA).

NOME: Amanda

ANO: 1º A manhã

“Sim, porque as aulas ficam mais atrativas” (VOZ DA PROFESSORA AMANDA).

Como vimos à professora Rafaela insiste em dizer que a literatura é um instrumento para o incentivo da leitura, mas sem ter clareza de que a literatura, de fato, pode contribuir significativamente para o incentivo da leitura, quando ao mesmo tempo diz que é necessário introduzir conteúdos, a partir do tema ou de temáticas. Pois:

[...] A relação com o livro antes de aprender a ler auxilia a criança a torná-lo significativo como um objeto que proporciona satisfação. Isto ocorre porque, ao tocar, manusear, olhar, alisar o livro e brincar com suas folhas e gravuras, a criança sente um prazer similar ao proporcionado por um brinquedo (ANDRÉ, 2004, p. 18).

Segundo esse autor, podemos perceber que a literatura é, antes de tudo, para ser tocada, manuseada, brincar, mas ao que deixa transparecer a professora, a literatura deve ser estudada, o conteúdo é sempre colocado em primeiro lugar, quando se aprende sem precisar dizer que é conteúdo de aprendizagem.

Enfim, ambas as professoras, de certa forma, deixam entrever que reconhecem a importância da literatura, porém a professora Amanda dá uma resposta, um pouco vaga, sem explicar o porquê as aulas ficariam mais atrativas com a literatura. Ao compreender que, segundo Dalvi (2013) [...] “a literatura não se ensina, se lê, se vive”,

Enquanto Rafaela reafirma que é fundamental para o incentivo da leitura, diz que pode inserir outros conteúdos, mas não aprofunda a sua resposta.

6. Para que serve a Literatura Infantil em sala de aula? Justifique.

NOME: Rafaela

ANO: 2º A manhã

“Serve como leitura deleite, explorar o conteúdo e as informações explícitas e implícitas, incentivar a imaginação do aluno. É um recurso riquíssimo” (VOZ DA PROFESSORA RAFAELA).

NOME: Amanda

ANO: 1º A manhã

“Incentivar o hábito da leitura” (VOZ DA PROFESSORA AMANDA).

É preocupante o fato de a professora Amanda, por estar tantos anos em atuação (27 anos), como docente, ter como resposta apenas a frase “Incentivar o hábito da leitura”, já que a literatura não serve apenas para isso. Como a professora Rafaela afirma “é um recurso riquíssimo”, o que realmente é, pois começa (quando realizada com excelência) a influenciar

a criança antes mesmo da linguagem escrita, permitindo que essa etapa na vida de uma criança se desenvolva de forma mais agradável. Ela também citou o incentivo a imaginação do aluno, mas esqueceu de citar a formação de um leitor crítico.

Nesse sentido, fica nítida que as dificuldades dos professores em manipular com a literatura, advêm de suas concepções de leitura, literatura, leitor, ensino e outras, faltando apenas maior comprometimento político para desenvolver sua prática pedagógica, com vistas à formação de um leitor crítico.

Percebemos que a professora Rafaela trata da literatura como pretexto para explorar os conteúdos em sala de aula. Muito embora sabendo que deixa transparecer o quanto lhes falta conhecimento para que possa utilizar a literatura infantil de forma adequada.

[...] em suma, se quisermos formarmos leitores capazes de experienciar toda a força humanizadora da literatura, não basta apenas ler. Até porque, ao contrário dos que acreditam os defensores da leitura simples, não existe tal coisa. Lemos da maneira como nos foi ensinado e a nossa capacidade de leitura depende, em grande parte, desse modo de ensinar, daquilo que nossa sociedade acredita ser objeto de leitura e assim por diante (COSSON, 2009, p. 29).

Esse autor traz à tona uma reflexão na qual serve para que possamos refletir sobre outro olhar para a concepção de literatura, que defende sua força humanizadora, apesar de alicerçar esse estudo em outra concepção teórica, não se pode fechar o sentido da leitura e da literatura. Sabendo, portanto, que, segundo Abreu (2006, p. 41), “a literatura [...] é um fenômeno cultural e histórico e, portanto, passível de receber diferentes definições, em diferentes épocas e por diferentes grupos sociais” Pois o que importa, de fato, é contribuir para a formação do leitor no âmbito dos anos iniciais do ensino fundamental.

7. É possível alfabetizar por intermédio da Literatura Infantil? Caso, seja positivo, explicita com clareza.

NOME: Rafaela

ANO: 2º A manhã

“Sim. Por ser a literatura infantil composta de pequenos textos ou até mesmo de texto não verbal, com ilustrações coloridas que acusam a curiosidade da criança” (VOZ DA PROFESSORA RAFAELA).

NOME: Amanda

ANO: 1º A manhã

“Sim, a partir da literatura, podemos introduzir todas as disciplinas” (VOZ DA PROFESSORA AMANDA).

A literatura infantil não pode ser compreendida como sendo uma das principais responsáveis para facilitar o processo de alfabetização. Apesar de ter clareza de que, queiramos ou não, acaba proporcionando tanto o primeiro contato da criança com a linguagem escrita, como ampliando sua linguagem oral e permitindo que a criança tenha mais interesse no desenvolvimento de sua escrita e da sua alfabetização. Pois “o papel da literatura nos primeiros anos é fundamental para que se estabeleça uma relação ativa, entre falante e língua, o que não ocorre sem envolvimento de afeto e emoções” (CADEMARTORI, 2010, p. 63).

O segredo maior da literatura é justamente o envolvimento único que ela nos proporciona em um mundo feito de palavras. O conhecimento de como esse mundo é articulado, como ele age sobre nós, não eliminará seu poder, antes o fortalecerá porque estará apoiado no conhecimento que ilumina e não na escuridão da ignorância (COSSON, 2009, p. 29).

A professora Amanda faz com que acreditemos que ela utiliza a leitura como pretexto para explorar as várias áreas do conhecimento. E a professora Rafaela cita a curiosidade, porém, este não é o único intermédio possível.

No entanto, em ambas as professoras, percebemos certo silenciamento, apesar de terem respondido, mas ao pensar na questão da leitura, muitas vezes, as professoras deixam transparecer que não tem o que dizer, até porque para se produzir um texto. Por isso, segundo Geraldi (1993, p. 137).

[...] Por mais ingênuo que possa parecer, para produzir um texto (em qualquer modalidade), é preciso que: a) se tenha o que dizer; b) se tenha razão para quem dizer o que se tem a dizer; c) se tenha para quem dizer o que se tem a dizer; d) o locutor se constitua como tal, enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz; e) se escolham as estratégias para realizar (a), (b), (c), e (d).

Apesar de compreender que as professoras buscam manipular a Literatura Infantil na sala de aula, concordamos com esse autor, quando nos faz entender que, as próprias professoras talvez não tivessem o que dizer, por falta de leitura e formação voltada para a Literatura Infantil, foco desse trabalho e de extrema relevância para a formação do leitor, coisa que nas vozes de ambas não existe essa clareza. E é aí onde reside a nossa maior preocupação.

8. Você já conseguiu alfabetizar por intermédio da Literatura Infantil? Caso, seja positivo, explique que/quais metodologia/as utilizou para efetivá-la.

NOME: Rafaela

ANO: 2º A manhã

“Sempre realizo: roda de leitura, apresentação do livro e questionamento sobre o conteúdo: Reescrita da história; Estudo do texto; Dramatização” (VOZ DA PROFESSORA RAFAELA).

NOME: Amanda

ANO: 1º A manhã

“Sim, através das atividades propostas no PNAIC. Momento de acolher, conto, nome do conto: Branca de neve e os sete anões, música, leitura do conto no quadro, contagem dos personagens. Escrita das quantidades, debate sobre o local, desenho, reconto da história, entre outras atividades” (VOZ DA PROFESSORA AMANDA).

Ambas as professoras trouxeram várias estratégias de como ela conseguiu alfabetizar por meio da leitura, mas percebemos que elas utilizam propostas já prontas, o que seria melhor se elas permitissem mais o envolvimento do aluno. A criatividade pode e deve advir de nossas consultas a leituras diversas e isso tem a ver com o nível de comprometimento do professor, relacionada à aprendizagem de seu aluno.

Vale dizer que não está muito claro como seriam as propostas já prontas. Considerando que, para uma análise, a meu ver, essa resposta não se sustenta, por si só. Está muito vago.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A neutralidade não faz parte da literatura infantil, já que ela traz em seu contexto aspectos históricos e culturais que envolvem determinada época, além de contribuir para a alfabetização tornando a aprendizagem mais prazerosa incentivando a imaginação e criatividade da criança.

É importante que a criança, desde os anos iniciais, seja inserida no mundo da literatura pois assim compreendemos que ela vai estar se tornando um leitor crítico para a vida inteira, não só na sala de aula, mas fora dela.

Percebemos, através deste, o quanto o professor explora a literatura infantil com pretexto para utilizar conteúdos temáticos advindos dos planos de aulas presentes nas aulas dos professores da rede básica de ensino. Afora o fato de que se usa a literatura como pretextos para aprender vários conteúdos de uma série de disciplinas. Hoje, esse contexto histórico e cultural representa uma pequena radiografia da realidade local, mas que também não deixa de estar tão distante da realidade brasileira, no que tange ao uso da literatura infantil em sala de aula.

As professoras entrevistadas, Rafaela e Amanda, apresentaram compromisso e dedicação para com o seu trabalho e seus alunos mas demonstraram não desenvolver nada além do que atividades propostas pelos programas do governo e usam a literatura infantil como pretexto para outras disciplinas, o que não é necessário pois na literatura se aprende de tudo, sem precisar dizer que está aprendendo um conteúdo de forma isolada, além do seu valor estético, ela apresenta uma dimensão pedagógica.

CHILDREN'S LITERATURE: ANALYZING THE PEDAGOGICAL PRACTICE OF TEACHERS FROM THE STATE SYSTEM OF EDUCATION IN CITY OF CAMPINA GRANDE - PB

ABSTRACT

The present work of Course Completion has as general objective to analyze, in the school context, if the children's literature is used to alphabetize. With this purpose, we prepared an interview script with two teachers from the city of Campina Grande - PB, containing six questions, so that the questions included questions related to their appropriation of some concepts considered relevant to their pedagogical practice. Classroom, focused on children's literature. We work with the qualitative research, focused on the technique of case study. For this, we anchor ourselves in authors, who develop works in the area of the history of reading

and also of children's literature. This study is based on the studies of Márcia Abreu (2006); Ana A. Arguelho Souza (2010); Lígia Cademartori (2012) and others.

Keywords: Children's Literature. Teacher. Students

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Cultura letrada: Leitura e literatura**. São Paulo. Editora UNESP, 2006.
- ANDRÉ, Tâmara Cardoso. Literatura Infantil – Práticas adequadas ajudam a despertar o gosto pela literatura. **Revista do professor**, Porto Alegre, n. 78, p. 18-21, abr/jun. 2004.
- ARIÈS. Philippe. **A história social da criança e da família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BRASIL. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA. **Diário Oficial da União**, Brasília, 16 jul. 1990.
- CADEMARTORI, Lígia. **O professor e a literatura: para pequeno, médios e grandes**. 2 ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2012.
- CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.
- DALVI, Maria Amélia. Literatura na escola: propostas didático-metodológicas. In: _ DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; FALEIROS, Rita Jover. **Leitura de literatura na Escola**. São Paulo: Editora Parábola, 2013.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.
- GERALDI, João Wanderley. **Portos de Passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- LAJOLO, Marisa. **Literatura infantil brasileira: história e histórias**. 6 ed.. São Paulo: Ática, 2007.
- MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. 4 ed. São Paulo: Editora Atlas, 2003.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Educação infantil: fundamentos e métodos**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1995.
- SOUZA, Ana A. Arguelho. **Literatura infantil na escola: a literatura em sala de aula**. São Paulo: Autores associados. 2010.

OBRAS CONSULTADAS

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 6 edição, 8 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

VARGAS, Suzana. **Leitura**: uma aprendizagem de prazer. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1993.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA



CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Objetivo: Coletar dados para a pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso da aluna **Dannúbya Fernanda Guedes Lima**, acadêmica do curso de pedagogia, orientado pela Professora **Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro**, lotada no Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) Campus I.

1. Função que exerce na escola? Há quanto tempo que a exerce? Relate momentos desafiadores e marcantes de sua trajetória docente.
2. O que você entende por literatura infantil?
3. Para você, é necessário introduzir a literatura infantil na sala de aula? Por quê?
4. Para que serve a literatura infantil em sala de aula? Justifique.
5. É possível alfabetizar por intermédio da literatura infantil? Caso, seja positivo, explique que/quais metodologia/as utilizou para efetivá-la.
6. Você já conseguiu alfabetizar por intermédio da literatura infantil? Caso, seja positivo, explique que/quais metodologia/as utilizou para efetivá-la.

APÊNDICE B – RESPOSTAS

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL SANTO ANTÔNIO

NOME: Rafaela (nome fictício)

ANO: 2º A manhã

1. Sou professora do 2º ano do ensino fundamental I. Exerço essa profissão há 17 anos. Durante um bom tempo não havia tantos desafios como os dias atuais. Hoje posso dizer que restou o compromisso com o meu trabalho, a utopia do ensino/aprendizagem que existia em sala de aula, desanimou-me. Muitas crianças rebeldes e nós professores somos tratados com desrespeito por pais, alunos e órgãos da educação.
2. É um instrumento incentivador para desenvolver o gosto pela leitura.
3. Como já relatei é um instrumento fundamental para o incentivo da leitura, como também de acordo com o tema podemos inserir outros conteúdos.
4. Serve como leitura deleite, explorar o conteúdo e as informações explícitas e implícitas, incentivar a imaginação do aluno. É um recurso riquíssimo.
5. Sim. Por ser a literatura infantil composta de pequenos textos ou até mesmo de texto não-verbal, com ilustrações coloridas que acenam a curiosidade da criança.
6. Sempre realizo: roda de leitura, apresentação do livro e questionamento sobre o conteúdo.
 - Reescrita da história
 - Estudo do texto
 - Dramatização

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL SANTO ANTÔNIO

NOME: Amanda (nome fictício)

ANO: 1º A manhã

1. Sou professora há 27 anos. Trabalho nesta escola há 5 anos. Alfabetizar.
2. São livros direcionados para crianças.
3. Sim, porque as aulas ficam mais atrativas.
4. Incentivar o hábito da leitura
5. Sim, a partir da literatura, podemos introduzir todas as disciplinas.
6. Sim, através das atividades propostas no PNAIC. Momento de acolher, conto, nome do conto: Branca de neve e os sete anões, música, leitura do conto no quadro, contagem dos personagens. Escrita das quantidades, debate sobre o local. Desenho, reconto da história, entre outras atividades.